

**A GUERRA E
AS GUERRAS
COLONIAIS
NA ÁFRICA
SUBSAARIANA**

**JOSÉ LUÍS LIMA GARCIA
JULIÃO SOARES SOUSA
SÉRGIO NETO
COORD.**

**O REGIMENTO DE INFANTARIA 14 NAS CAMPANHAS
DO SUL DE ANGOLA DA I GUERRA MUNDIAL**

Vítor Manuel Lourenço Ortigão Borges

0000-0003-1844-9490

O Regimento de Infantaria N.º 14, de Tavira a Viseu, teceu páginas do Portugal que somos, que tanto nos engrandece e cujos feitos se perpetuam na contemporaneidade⁶⁹.

Resumo: Portugal combateu na I Guerra Mundial (I GM) em três teatros de operações terrestres: Angola, Moçambique e França. No entanto, apesar do elevado número de baixas das campanhas africanas, a maioria dos autores nacionais e estrangeiros dedicou-se ao estudo das campanhas europeias, nomeadamente a participação do Corpo Expedicionário Português na Campanha da Flandres. As Campanhas do Sul de Angola e Norte de Moçambique foram menos estudadas e têm sido pouco afluadas nas obras contemporâneas de história militar. Torna-se, por isso,

⁶⁹ MOURA, Rui Moura e DIAS, Anselmo (Dir.) – *O 14 de Infantaria*. Viseu: Regimento de Infantaria N.º 14, 2009.

premente que se estude e se traga a público estas campanhas, decisivas para a soberania de Portugal, pela manutenção das fronteiras de então. Dado o seu escalão e tipo, a participação do Batalhão de Infantaria do Regimento de Infantaria n.º 14 (RI 14) foi determinante nas Campanhas do Sul de Angola, principalmente no ano de 1914, onde se constituíram como o grosso das forças do 1.º Corpo Expedicionário. Este artigo pretende ser um contributo sobre a participação portuguesa, em especial dos «Infantes da Beiras», «Viriatos», militares do RI 14, que combateram nas Campanhas do Norte de Angola, entre finais de 1914 e meados de 1915. Pretende honrar o seu contributo indelével para a pátria, as suas privações e agruras no difícil Teatro Africano, no qual muitos pagaram com a própria vida o custo da integridade nacional.

A participação do Batalhão do RI 14 nas Campanhas do Sul de Angola foi marcada por pesadas baixas e grandes dificuldades, fruto dos combates e da dureza do clima africano, em especial da seca e doenças que assolam esta parte do mundo. Apesar destas circunstâncias adversas, os «Viriatos» deram provas de valor e heroísmo, tendo regressado à Metrópole de «cabeça erigida». Duzentos e doze anos após a sua criação em Tavira e 176 anos depois da sua implantação em Viseu, o RI 14 é um dos Regimentos do Exército Português com história mais ilustre e o que está há mais tempo implantado no mesmo local, com a mesma designação. Hoje, como no passado, no sul de Angola ou bem recentemente no norte do Kosovo, o RI 14 continua a ser chamado a defender a soberania e a honrar os compromissos internacionais da nação. Com igual valor e abnegação, os seus soldados cumprem a missão e elevam o nome de Portugal.

Palavras-chave: I Guerra Mundial, Campanhas do Sul de Angola, Naulila, Regimento de Infantaria N.º 14

Abstract: Portugal fought in World War I (WWI) in three theatres of ground operations: Angola, Mozambique and France. However, in spite of the high number of casualties in the African campaigns, most of the national and foreign authors dedicated themselves to the study of the European campaigns, especially the participation of the Portuguese Expeditionary Corps (CEP, Portuguese: *Corpo Expedicionário Português*) on the Western Front. The Campaigns of Southern Angola and Northern Mozambique have been less studied in contemporary works of military history. It is therefore urgent that these campaigns, decisive for the sovereignty of Portugal, be studied and brought to public. Given their rank and type, the 19th Infantry Regiment (14th INF REG) was decisive in the Southern Campaigns of Angola, mainly in the year 1914. This article intends to be a contribution to a better understanding of the Portuguese participation in the Campaigns of Northern Angola between the end of 1914 and the middle of 1915. The participation of the 14th INF REG in the Southern Campaigns of Angola was marked by heavy casualties and great difficulties, as a result of the fighting and harshness of the African climate, especially the drought and diseases that devastate this part of the world. Two centuries after its creation, the 14th INF REG is one of the Regiments of the Portuguese Army with a more illustrious history and the one that has been deployed in the same place for the longest time, with the same designation. Today, as in the past, in Southern Angola or recently in Northern Kosovo, the 14th INF REG is still called upon to defend sovereignty and honour the nation's international commitments. With equal courage and selflessness, their soldiers carry out their mission and elevate the name of Portugal.

Keywords: World War I, Campaigns of Southern Angola, Naulila, the 14th Infantry Regiment

(Página deixada propositadamente em branco)

Introdução

Portugal combateu na I GM em três teatros de operações terrestres: Angola, Moçambique e França. No entanto, apesar do elevado número de baixas das campanhas africanas, o assunto é marginalmente estudado pelos historiadores. A maioria dos autores nacionais e estrangeiros da atualidade que se tem dedicado ao estudo das campanhas europeias centra-se, no caso Português, na participação do Corpo Expedicionário na Campanha da Flandres.

Na sequência do eclodir da I GM tornou-se iminente o confronto com as forças alemãs nos dois maiores territórios ultramarinos, Angola e Moçambique, devido às fronteiras comuns com a Damaralândia (atual Namíbia) e Leste Africana (atual Tanzânia), respetivamente (veja-se a figura n.º 1).

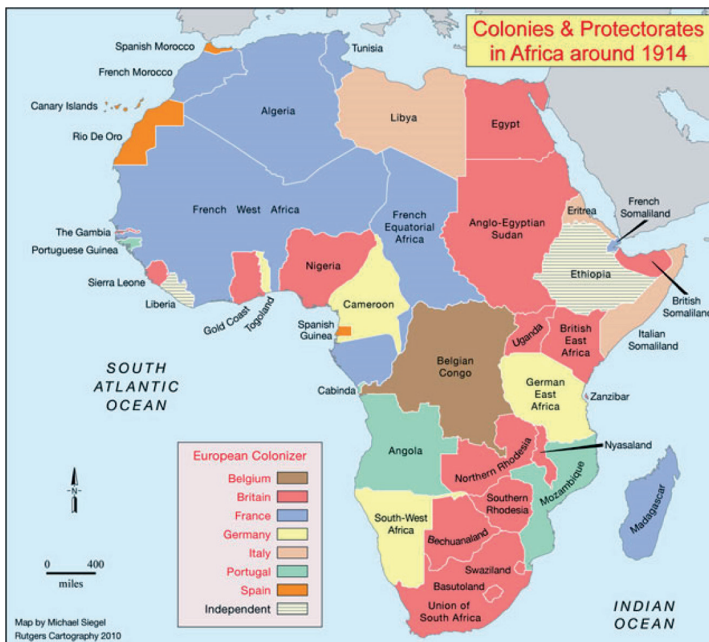


Figura n.º 1 – Mapa de África em 1914

Fonte: *Africana Age – African and African Diaspora Transformations in the 20th Century*.

Disponível em <http://exhibitions.nypl.org/africanaage/maps.html>

O governo de Bernardino Machado decidiu preventivamente reforçar as guarnições destas colónias nacionais com dois Corpos Expedicionários.

A colónia de Angola estava ameaçada no Sul pelos colonos bóeres e alemães que tentavam revoltar as populações locais contra o domínio português e por forças militares junto à fronteira⁷⁰. Em agosto de 1914, a guarnição militar da região era constituída por apenas duas baterias de artilharia de montanha, um esquadrão de dragões, uma companhia de infantaria e quatro companhias (14.^a, 15.^a, 16.^a e 17.^a) indígenas de infantaria. Cada bateria de artilharia era composta por 40 praças, o esquadrão de dragões não ultrapassava os 80 cavalos, a companhia de infantaria europeia poderia dispor de 120 praças e as companhias indígenas eram compostas por 12 soldados europeus e 140 indígenas⁷¹.

Debaixo do comando do Tenente Coronel Alves Roçadas é formada uma expedição, com destino ao Sul de Angola, constituída por subunidades de combate de Infantaria, Metralhadoras, Artilharia de Montanha e Cavalaria. O 3.º Batalhão de Infantaria organizado no RI 14 integrou esta expedição.

Dado o seu escalão e tipo, a participação do Batalhão do RI 14 foi significativa nas Campanhas do Sul de Angola, principalmente no ano de 1914, onde se constituíram como o grosso das forças do 1.º Corpo Expedicionário. Esta dissertação pretende ser um contributo sobre a participação portuguesa, em especial dos Infantes da Beiras, Viriatos, militares do RI 14, que combateram nas Campanhas do Sul de Angola, entre finais de 1914 e meados de 1915. Pretende honrar

⁷⁰ PIRES, Nuno Lemos – «Portugal na Grande Guerra de 1914–1918». *Academia*. Lisboa: Comissão Coordenadora das Evocações do Centenário da I Guerra Mundial, 2013, p. 3. Disponível em https://www.academia.edu/9895497/Portugal_em_Guerra_na_Grande_Guerra_1914-1918.

⁷¹ VARÃO, António Fernandes – *Investidas Alemãs ao Sul de Angola. Subsídios para a História*. Lisboa: Imprensa Lucas & C.^a, 1934, p. 12-13.

a sua prestação indelével para a pátria, as suas privações e agruras no difícil Teatro Africano, no qual muitos pagaram com a própria vida o custo da integridade nacional.

Neste ano de 2014, em que se iniciam as comemorações da evocação do centenário da I GM, a qual se começou a combater nos Teatros Africanos, é premente analisar e trazer a público estas campanhas, decisivas para a soberania de Portugal, pela manutenção das fronteiras de então.

Levantamento e projeção

Em 19 de agosto de 1914, foi difundido convite a quem quisesse voluntariamente servir no Batalhão de Infantaria organizado no RI 14, que integrou o Corpo Expedicionário destinado a Angola. Dois dias depois começou a constituir-se o 3.º Batalhão Expedicionário à custa de militares de quase todos os Regimentos de Infantaria.

Em 22 de agosto de 1914 é publicada na *Ordem do Exército* (OE) n.º 20 a constituição da expedição à província de Angola⁷². O 3.º Batalhão do RI 14 era comandado pelo Major Alberto Salgado, tinha como seu Ajudante o Tenente José de Melo Ponces de Carvalho e as companhias tinham os seguintes oficiais (figura n.º 2)⁷³:

- 9.ª Companhia, comandada pelo Capitão Artur Homem Ribeiro. Comandantes de Pelotão: Tenente António Rodrigues Marques; Alferes Amadeu Gomes de Figueiredo e Alferes João de Araújo Pissara⁷⁴.

⁷² OE n.º 20. 2.ª Série, de 22 de ago. de 1914, p. 444.

⁷³ CID, António José do Amaral Balula – *O N.º 14 na infantaria portuguesa - estudo histórico*. Viseu: Edição do Regimento de Infantaria N.º 14, 1951, p. 50.

⁷⁴ A OE n.º 22. 2.ª Série, de 5 de set. de 1914, p. 466, substitui o Alferes José Rebelo de Melo Cabral, por este ter sido julgado incapaz temporariamente para serviço no Ultramar.

- 10.^a Companhia, comandada pelo Capitão José da Fonseca Lebre. Comandantes de Pelotão: Tenente José Augusto Monteiro; Tenente Pedro Canelas⁷⁵ e Alferes Fausto de Matos.
- 11.^a Companhia, comandada pelo Capitão António Lopes Mateus. Comandantes de Pelotão: Tenente Luís de Albuquerque Pimentel e Vasconcelos; Alferes Silvério do Amaral Lebre e Alferes Miguel Ponces de Carvalho.
- 12.^a Companhia, comandada pelo Capitão Aristides Rafael da Cunha⁷⁶. Comandantes de Pelotão: Tenente José Cabral; Alferes Reinaldo Vale de Andrade e Alferes Armando Augusto da Costa.
- Oficiais médicos: Tenente médico Afonso José Maldonado⁷⁷ e Alferes médico Francisco Marques Rodrigues Moreira⁷⁸.
- Oficial Provisor: Tenente do Serviço de Administração Militar Francisco Moreira de Almeida.

⁷⁵ A OE n.º 22. 2.^a Série, de 5 de set. de 1914, p. 466, substitui o Tenente José Rodrigues Gaspar, por este ter sido julgado incapaz temporariamente para serviço no Ultramar.

⁷⁶ Proveniente do RI 5.

⁷⁷ Do 1.º Batalhão de Artilharia de Costa.

⁷⁸ Do RI 11.



Figura n.º 2 – Os 21 oficiais do 3.º Batalhão do RI 14:
10 – Capitão João da F. Lebre; 11 – Capitão António L. Mateus;
12 – Tenente José de M. Ponces de Carvalho; 13 – Major Alberto Salgado; 14 – Capitão Artur H. Ribeiro; 15 – Capitão Aristides R. da Cunha; 16 – Tenente Francisco M. de Almeida; 17 – Tenente José Cabral; 18 – Tenente Luís de A. Pimentel e Vasconcelos; 19 – Tenente José Augusto Monteiro; 20 – Tenente José Rodrigues Gaspar; 21 – Tenente António R. Marques; 22 – Alferes Amadeu G. de Figueiredo; 23 – Alferes Fausto de Matos; 24 – Alferes José Rebelo de Melo Cabral; 25 – Alferes Silvério do Amaral Lebre; 26 – Alferes Armando Augusto da Costa; 27 – Alferes Reinaldo Vale de Andrade; 28 – Alferes Miguel Ponces de Carvalho; 29 – Tenente médico Afonso José Maldonado; 30 – Alferes médico Francisco Marques Rodrigues Moreira.

Fonte: «Expedição a Angola». *Ilustração Portuguesa*. Lisboa: Empreza do Jornal *O Seculo*. 2.ª Série. N.º 446, 7 de set. de 1914, p. 308.

A 2 de setembro, a Secção de Quartéis rumo a Lisboa e, a 8 e 9 do mesmo mês, partem as companhias em comboios especiais (figura n.º 3)⁷⁹. No dia 11 de setembro, após desfile «rio abaixo», aclamado pela população de Lisboa, todo o Corpo Expedicionário embarca no Cais de Santa Apolónia, a bordo do vapor «Moçambique», da Empresa Nacional da Navegação, assim transformado em navio de guerra

⁷⁹ CID, António José do Amaral Balula – *Ibidem*.

com a capacidade de transporte de 1 300 passageiros e várias toneladas de carga⁸⁰.



Figura n.º 3 – O Batalhão de Infantaria 14 na estação de Santa Apolónia, Lisboa.

Fonte: «As expedições portuguesas a Africa». *Ilustração Portuguesa*. Lisboa: Empreza do Jornal *O Seculo*. 2.ª Série. N.º 448, 21 de set. de 1914, p. 375.

Operações em Angola

Apesar de o navio ter chegado a Moçâmedes a 1 de outubro (figura n.º 4), o Batalhão só desembarcou uns dias depois, após ter sido encontrado alojamento na cidade⁸¹. A expedição deslocou-se para

⁸⁰ ROÇADAS, J. A. Alves – *Relatório sobre as Operações no Sul de Angola em 1914*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1919, p. 101.

⁸¹ Idem – *Ibidem*.

Lubango e o seu comandante, Tenente Coronel (TCor) Alves Roçadas, tomou posse do governo de Huíla, a 18 de outubro, na véspera do «Incidente de Naulila», no qual um Destacamento de Dragões, comandado pelo Alferes Sereno, abriu fogo sobre uma delegação alemã. Esta ação teve repercussões graves para as tropas portuguesas e as represálias alemãs fizeram-se sentir logo a 31 de outubro, com o ataque e saque ao posto militar do Cuangar e a outros quatro postos da mesma região, ao longo do Rio Cubango, dos quais resultaram baixas militares e civis, incluindo crianças⁸². A «vingança» alemã não ficaria por aqui, para infelicidade dos militares do RI 14, em especial da 9.^a e 12.^a Companhias, que combateram em Naulila.



Figura n.º 4 – Desembarque em Moçâmedes.

Fonte: MARTINS, Ferreira – *Portugal na Grande Guerra*. 2 Vols. Lisboa: Editorial Ática, 1934.

Em Lubango, o TCor Alves Roçadas constatou que o Batalhão demonstrava ainda falta de homogeneidade, devido ao pouco tempo em que a unidade foi reunida e os militares serem provenientes de

⁸² OLIVEIRA, A. N. Ramires – *A História do Exército Português. 1910–1945*. Vol. III. Lisboa: Estado-Maior do Exército, 1994.

muitas unidades diferentes. A 1 de novembro, foi organizada a Força em Operações no Sul de Angola, com pouco mais de 2 500 homens, e foi dada a ordem ao Major Salgado para comandar um destacamento de cerca de 900 homens para o Cunene, composto pelo Batalhão do RI 14, com exceção da 10.^a Companhia e reforçado com o 1.^o Esquadrão de Dragões⁸³ e a Bateria *Erabrdt*⁸⁴.

A marcha do destacamento para Sul foi difícil devido à falta de água, deficiência de alguns géneros, material de bivaque reduzido e falta de pão. Ernesto dos Santos caracteriza a mesma do seguinte modo: «o percurso foi doloroso. Não foi a marcha diária de 25 a 30 quilómetros, numa extensão de mais de 400 quilómetros⁸⁵, sobre caminhos arenosos, a pé, equipados com toda a indumentária da infantaria [...], foi a sede, a horrível sede que nos fazia inchar a língua, provocando uma péssima respiração»⁸⁶.

Apesar das dificuldades, o destacamento atingiu Forte Roçadas a 17 de novembro (Balula Cid, 1951). A 9.^a Companhia e, posteriormente, a 12.^a Companhia foram enviadas para Naulila, a 11.^a Companhia foi incumbida da vigilância de Otchinjau e Ediva e o Major Salgado com a 10.^a Companhia ficaram localizados em Calueque (figura n.º 5)⁸⁷.

⁸³ Cavalaria.

⁸⁴ Obus de Artilharia de Montanha. Ver: ROÇADAS, J. A. Alves – Ibidem.

⁸⁵ Segundo Balula Cid, 300 quilómetros.

⁸⁶ SANTOS, Ernesto M. – *Cobiça de Angola, Combate de Naulila, seus heróis e seus inimigos. Memórias*. Guimarães: Livraria Cruz, 1957, p. 55.

⁸⁷ SALGADO, Arlindo – *O Sul de Angola no início do Século XX. Cadernos de Guerra do Coronel Alberto Salgado*. Braga: CEP – Universidade Católica Portuguesa, 2011.

O Regimento de Infantaria 14 nas campanhas do Sul de Angola
da I Guerra Mundial

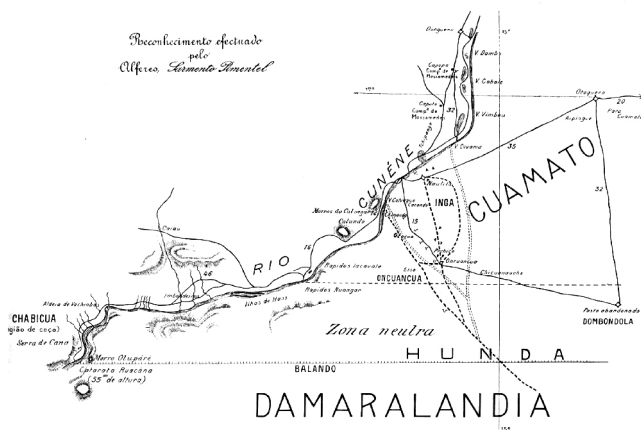


Figura n.º 5 – Mapa de África em 1914.

Fonte: TEIXEIRA, A. Almeida – *Naulila*. Lisboa: Agência Geral das Colónias | Agência Geral do Ultramar, 1935 [Coleção «Pelo Império», n.º 13].

Na ordem n.º 13 de 26 de novembro⁸⁸, o comandante das forças deu ordens precisas sobre a não-beligerância com a Alemanha, dizendo que «se deve partir do princípio que Portugal não está em guerra com a Alemanha», e que seriam punidos os que penetrassem em território alemão, «os elementos de segurança não devem passar além [...] da fronteira do Cuamato» e os auxiliares em vigilância na margem direita do Cunene, «não hostilizarão quaisquer forças alemãs».

No entanto, as forças alemãs aproximavam-se e, a 13 de dezembro, o Major Salgado recebeu informação⁸⁹ do comandante do destacamento de Naulila que:

⁸⁸ Arquivo Histórico Militar (AHM). 2.ª Divisão. 2.ª Secção – Angola. Caixa 022, n.º 003 «Ordens de Serviço do Quartel-General das Forças em Operações no Sul de Angola, entre 9 de set. de 1914 e 27 de abr. de 1915».

⁸⁹ AHM. 2.ª Divisão. 2.ª Secção – Angola. Caixa 023, n.º 002 «Instruções e Ordens de Operações das Operações no Sul de Angola, entre 8 de nov. de 1914 e 3 de mar. de 1915».

Forças alemãs a cavalo fizeram ontem fogo sobre o esquadrão de dragões. Os alemães estavam às 19h00 de ontem acampados a O de Morros, na margem esquerda do Cunene, julgando o comandante do esquadrão pela viveza do tiroteio que o efetivo deles não é pequeno.

A missão do destacamento do Major Salgado, definida nas instruções de 15 de dezembro⁹⁰, era «defender os vaus do Calueque e Nangula e opor-se ao avanço do inimigo pela margem direita do rio Cunene na direção de Naulila e Dongoena». Nas mesmas instruções recebeu indicações sobre o emprego da artilharia e como e onde proceder ao reabastecimento.

Em 16 de dezembro, o pelotão da 9.^a Companhia, comandado pelo Alferes Figueiredo, saiu de Naulila para os vaus de Cabelo e Catangombe (entre Naulila e o Vale de Nangula)⁹¹, ficando a 9.^a Companhia resumida a dois pelotões.

Na manhã de 18 de dezembro de 1914, a defesa de Naulila estava organizada da seguinte forma⁹² (figura n.º 6):

- Lado menor, flanco direito: dois pelotões e uma secção da 12.^a Companhia; flanco esquerdo: a bateria *Erabrdt*, com o apoio de 1.^a secção da 12.^a (à direita da bateria).
- Lado maior, flanco direito: a 16.^a Companhia; centro: bateria de metralhadoras apoiada por uma secção da 16.^a Companhia; e flanco esquerdo: o 3.º Pelotão da 9.^a Companhia, comandado pelo Alferes Pisarra.

⁹⁰ Idem – Ibidem.

⁹¹ AHM 2.^a Divisão. 2.^a Secção – Angola. Caixa 022, n.º 005 «Elementos do Adjunto do TCor Alves Roçadas, entre 1 de out. de 1914 e 7 de jun. de 1915».

⁹² AHM 2.^a Divisão. 2.^a Secção – Angola. Caixa 021, n.º 012 «Relatório sobre o combate de Naulila pelo Capitão José Mendes dos Reis, comandante do destacamento».

– Defesa próxima: o 2.º Pelotão da 9.ª Companhia, comandado pelo Tenente Marques.

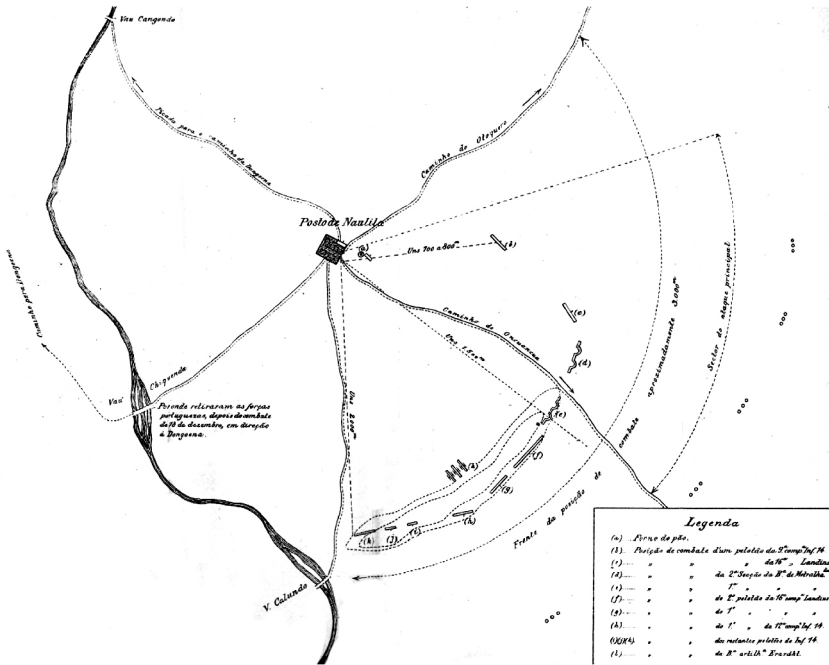


Figura n.º 6 – Posições de combate em Naulila.

Fonte: ROÇADAS, J. A. Alves – *Ibidem*.

Naulila não dispunha de organização do terreno que permitisse uma defesa eficaz, como trincheiras ou obstáculos de arame, apenas uma rudimentar preparação defensiva que não foi capaz de suportar o ataque alemão, menos de dois meses depois do incidente de Naulila⁹³. O ataque alemão iniciou-se no dia 18, às 5h00, incidindo sobre o flanco esquerdo da posição, onde estava o 3.º Pelotão da 9.ª Companhia,

⁹³ OLIVEIRA, A. N. Ramires – *Ibidem*.

comandado pelo Alferes Pizarra. A artilharia inimiga começou a atingir o forte, que se transformou num enorme braseiro⁹⁴.

Às 5h00, o destacamento do Major Salgado ouviu os primeiros tiros de artilharia em Naulila e, passados dez minutos, o pelotão da 15.^a Companhia Indígena, que protegia o Vau de Nangula, foi atacado. O Major Salgado ordenou um reconhecimento à margem esquerda, para verificar o estacionamento dos alemães, tendo sido constatado que estava guarnecido por homens a cavalo. Às 8h00, o destacamento recebeu a ordem para atacar o estacionamento, o que foi feito imediatamente com um pelotão de infantaria e um pelotão de cavalaria, comandados pelo Comandante da 10.^a Companhia, Capitão Lebre⁹⁵.

Esta força foi avançando não tendo tido contacto com os alemães, como expressa o relatório do Alferes Matos⁹⁶, comandante do pelotão da 10.^a Companhia,

Foi reconhecido todo o acampamento inimigo e todos os caminhos que se dirigem para o sul, até uma distância de 2 quilómetros, que foram certamente os utilizados pelo inimigo para a sua retirada. Nesta mesma ocasião retiro para junto do vau Calueque, visto não ter tido contacto com o inimigo.

No final da manhã, o Major Salgado recebeu uma ordem verbal do comandante, através de um soldado de dragões, para retirar sobre Dongoena⁹⁷ e emitiu a ordem de marcha⁹⁸ às 11h35 com o seguinte fim: «O destacamento tendo ameaçadas as suas comunica-

⁹⁴ AHM 2.^a Divisão. 2.^a Secção – Angola. Caixa 021, n.º 012 «Relatório sobre o combate...».

⁹⁵ SALGADO, A. – Ibidem, p. 135.

⁹⁶ AHM 2.^a Divisão. 2.^a Secção – Angola. Caixa 023, n.º 002 «Instruções e Ordens...».

⁹⁷ SALGADO, A. – Ibidem, p. 136.

⁹⁸ AHM 2.^a Divisão. 2.^a Secção – Angola. Caixa 023, n.º 002 «Instruções e Ordens».

ções sobre Dongoena e Humbe, retira sobre a Dongoena para operar a essa junção».

Alguns militares abandonaram as suas posições prematuramente e outros bateram-se estoicamente e sofreram pesadas baixas, contudo, as forças portuguesas foram incapazes de aguentar as suas posições, tendo os alemães tomado o Forte e capturado vários militares, como o Tenente Marques, comandante do 2.º Pelotão da 9.ª Companhia e 51 praças do RI 14⁹⁹. Como resultado do combate, morreram o comandante da 9.ª Companhia, Capitão Artur Homem Ribeiro, e 33 praças do Batalhão do RI 14, da 9.ª e da 12.ª Companhias.

O Coronel António Lopes Mateus, na altura comandante da 11.ª Companhia, no prefácio do livro do Tenente Ernesto Moreira Santos, refere que em Naulila havia um «manifesto desequilíbrio de forças empenhadas na luta; os alemães dispunham de um mais elevado número de combatentes, com superior armamento»¹⁰⁰.

No entanto, ainda que houvesse uma grande desproporcionalidade do potencial relativo de combate, de 8 000 tropas alemãs para 2 000 portuguesas, o desfecho poderia ter sido outro se as regras de empenhamento emanadas de Lisboa não tivessem sido tão restritivas. Como Portugal e a Alemanha não estavam formalmente em guerra, as indicações eram para que não se atacassem as forças alemãs, apesar de estas terem invadido o território português com o conhecimento da expedição portuguesa, que até monitorizou o seu avanço. As forças remeteram-se a uma atitude defensiva que teve efeitos nefastos para a expedição do TCor Alves Roçadas, de que é exemplo o «desastre de Naulila» e que originou o abandono

⁹⁹ AHM. 2.ª Divisão. 2.ª Secção – Angola. Caixa 022, n.º 002 «Informações prestadas pelo Governador-Geral de Angola ao Ministro das Colónias».

¹⁰⁰ SANTOS, Ernesto M. – *Ibidem*.

dos fortes nas margens do rio Cunene e a subsequente revolta generalizada dos indígenas¹⁰¹.

Em 27 de dezembro, o comandante da expedição emitiu uma ordem para estacionamento¹⁰² com o objetivo de «ocupar defensivamente a linha Pocolo-Gambos-Capelongo a fim de deter qualquer avanço de forças inimigas». O 3.º Batalhão, com exceção da 9.ª Companhia que marchou para Pocolo, estaciona no Forno da Cal até chegada do Batalhão de Marinha, após o que marchou para Chibemba (Gambos).

Depois de Naulila, o TCor Alves Roçadas pediu a exoneração do cargo, não tendo sido aceite pelo governo, mas com autorização de envio de mais tropas para Angola, a juntarem-se à 1.ª expedição, as forças expedicionárias aumentaram para cerca de 9 000 homens. Assim, foi decidido enviar um oficial de maior patente, tendo a escolha recaído no General Pereira D'Eça, que acumularia com o cargo de Governador da Província, tendo assumido funções em março de 1915¹⁰³.

O Batalhão deslocou-se para os Gambos, onde ficou de dezembro de 1914 a maio de 1915, tendo sido um período duro, devido à seca que massacrava o sul de Angola, e falta de equipamento, fardamento e reabastecimento. A seca, a insurreição dos indígenas e consequente incapacidade de fazer reconhecimentos para verificar quais as áreas ocupadas pelos alemães, bem como a falta de tropas menos desgastadas, adiou a ofensiva para Sul para recuperar o território perdido¹⁰⁴.

Pouco mais de um mês após a chegada do General Pereira D'Eça, a 28 de abril, o TCor Alves Roçadas regressou à metrópole e o Major Salgado assumiu o comando das forças nos Gambos mas, no início

¹⁰¹ MARTINS, Ferreira – *Ibidem*.

¹⁰² AHM. 2.ª Divisão. 2.ª Secção – Angola. Caixa 023, n.º 002 «Instruções e Ordens...».

¹⁰³ MARTINS, Ferreira – *História do Exército Português*. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada, 1945.

¹⁰⁴ SALGADO, Arlindo – *Ibidem*.

de maio, o Batalhão deslocou-se para Chibia. O estado de saúde do pessoal do Batalhão era de tal modo grave que foi reunida uma junta médica para avaliar a condição dos militares, concluindo que mais de 70% estavam incapazes para o serviço, aumentando o número de mortes diariamente¹⁰⁵.

Em 17 de junho de 1915, o Major Alberto Salgado assumiu o comando do 3.º Batalhão do RI 18, passando o Batalhão a ser comandado interinamente pelo Capitão Jorge Frederico Velez Caroco¹⁰⁶. Tal como o Major Salgado, individualmente houve outros militares que continuaram no teatro, como por exemplo o Capitão Lopes Mateus, que foi comandante de companhia também no Batalhão do RI 18 e que integrou o destacamento do Cuamato¹⁰⁷.

De Chibia o Batalhão deslocou-se para Lubango e por fim Moçâmedes, onde começou a embarcar para a metrópole em princípios de agosto, tendo terminado a sua participação nas Campanhas do Sul de Angola da I GM¹⁰⁸.

Conclusões

A participação do Batalhão do RI 14 nas Campanhas do Sul de Angola foi marcada por pesadas baixas e grandes dificuldades, fruto dos combates e da dureza do clima africano, em especial da seca e das doenças que assolam esta parte do mundo, bem como da falta de treino e de material. Apesar destas circunstâncias adversas, alguns Viriatos deram provas de valor e heroísmo, tendo regressado à metrópole de «cabeça erguida» e contribuindo de forma indelével para

¹⁰⁵ Idem – Ibidem.

¹⁰⁶ AHM. 2.ª Divisão. 2.ª Secção – Angola. Caixa 042, n.º 015 «Ordem de Batalha, unidades e serviços que constituem as forças em operações».

¹⁰⁷ SALGADO, Arlindo – Ibidem.

¹⁰⁸ CID, António José do Amaral Balula – Ibidem.

a integridade territorial da nação, que manteve a sua colónia por mais 60 anos, até 1975. Sobre estas campanhas, o Major António Fernandes Varão, capitão-mor do Cuamato, refere

A História alicerçará a glória de Portugal, gritando aos quatro cantos do Mundo que o extenso território colonial – que ainda hoje possuímos – é nosso, é três vezes nosso: - porque o descobrimos, porque o conquistámos e porque o regámos com o nosso sangue, defendendo-o¹⁰⁹.

Mais de 208 anos após a sua criação em Tavira e 176 anos depois da sua implantação em Viseu, o RI 14 é um dos Regimentos do Exército Português com história mais ilustre e o que está há mais tempo implantado no mesmo local, com a mesma designação. Hoje, como no passado, no Sul de Angola ou bem recentemente no norte do Kosovo, o RI 14 continua a ser chamado a defender a soberania e a honrar os compromissos internacionais da nação. Com igual valor e abnegação, os seus soldados cumprem a missão e elevam o nome de Portugal.

Fontes arquivísticas

Arquivo Histórico Militar (AHM). 2.^a Divisão. 2.^a Secção – Angola:

Caixa 021, n.º 012 «Relatório sobre o combate de Naulila pelo Capitão José Mendes dos Reis, comandante do destacamento».

Caixa 022, n.º 002 «Informações prestadas pelo Governador-Geral de Angola ao Ministro das Colónias».

Caixa 022, n.º 003 «Ordens de Serviço do Quartel-General das Forças em Operações no Sul de Angola, entre 9 de set. de 1914 e 27 de abr. de 1915».

¹⁰⁹ VARÃO, António Fernandes – *Ibidem*, p. 9.

Caixa 022, n.º 005 «Elementos do Adjunto do TCor Alves Roçadas, entre 1 de out. de 1914 e 7 de jun. de 1915».

Caixa 023, n.º 002 «Instruções e Ordens de Operações das Operações no Sul de Angola, entre 8 de nov. de 1914 e 3 de mar. de 1915».

Caixa 042, n.º 015 «Ordem de Batalha, unidades e serviços que constituem as forças em operações».

Biblioteca do Exército (BE) – *Ordem do Exército* (OE):

OE n.º 20. 2.ª Série, de 22 de ago. de 1914.

OE n.º 22. 2.ª Série, de 05 de set. de 1914.

Referências bibliográficas

Africana Age – African and African Diaspora Transformations in the 20th Century. Disponível em <http://exhibitions.nypl.org/africanaage/maps.html> [acedido em 21 jul. de 2014].

«As expedições portuguesas à África». *Ilustração Portuguesa*. Lisboa: Empresa do Jornal *O Seculo*. 2.ª Série. N.º 448, 21 de set. de 1914, p. 374-381.

CID, António José do Amaral Balula – *O N.º 14 na infantaria portuguesa - estudo histórico*. Viseu: Edição do Regimento de Infantaria N.º 14, 1951, 101 p.

«Expedição a Angola». *Ilustração Portuguesa*. Lisboa: Empresa do Jornal *O Seculo*. 2.ª Série. N.º 446, 7 de set. de 1914, p. 307-308.

MARTINS, Ferreira – *História do Exército Português*. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada, 1945, 576 p.

MARTINS, Ferreira – *Portugal na Grande Guerra*. 2 Vols. Lisboa: Editorial Ática, 1934.

MOURA, Rui Moura e DIAS, Anselmo (Dir.) – *O 14 de Infantaria*. Viseu: Regimento de Infantaria N.º 14, 2009. ISBN 978-989-20-173-3.

OLIVEIRA, A. N. Ramires – *A História do Exército Português. 1910–1945*. Vol. III. Lisboa: Estado-Maior do Exército, 1994, 638 p.

PIRES, Nuno Lemos – «Portugal na Grande Guerra de 1914–1918». *Academia*. Lisboa: Comissão Coordenadora das Evocações do Centenário da I Guerra Mundial, 2013, 6 p. Disponível em https://www.academia.edu/9895497/Portugal_em_Guerra_na_Grande_Guerra_1914-1918.

ROÇADAS, J. A. Alves – *Relatório sobre as Operações no Sul de Angola em 1914*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1919, 350 p.

SALGADO, Arlindo – *O Sul de Angola no início do Século XX. Cadernos de Guerra do Coronel Alberto Salgado*. Braga: CEPCEP - Universidade Católica Portuguesa, 2011, 327 p. ISBN 978-9729045301.

SANTOS, Ernesto M. – *Cobiça de Angola, Combate de Naulila, seus heróis e seus inimigos. Memórias*. Guimarães: Livraria Cruz, 1957, 148 p.

TEIXEIRA, A. Almeida – *Naulila*. Lisboa: Agência Geral das Colónias | Agência Geral do Ultramar, 1935, 37 p. [Coleção «Pelo Império», n.º 13].

VARÃO, António Fernandes – *Investidas Alemãs ao Sul de Angola. Subsídios para a História*. Lisboa: Imprensa Lucas & C.^a, 1934, 203 p.